

RESUMO: Identificação Projetiva é um dos conceitos centrais na teoria psicanalítica Kleiniana. Este artigo procura dar uma visão geral do conceito, seus usos e diferentes interpretações, além de colocá-lo em um contexto que possa ser útil para aqueles envolvidos em estudos psico-sociais e psicanalíticos. Ele aborda alguns dos principais argumentos e controvérsias que giram em torno do conceito e das tentativas de simplificar a idéia, sugerindo quão valiosa ferramenta o conceito pode ter na investigação da psicodinâmica do mundo social.

PALAVRAS-CHAVE: Estudos Psicossociais; Identificação Projetiva; Comunicação; Ataque; Empatia; Racismo.

PROJECTIVE IDENTIFICATION: FROM ATTACK TO EMPATHY

ABSTRACT: Projective Identification is one of the central concepts in Kleinian psychoanalytic theory. This paper seeks to give a broad overview of the concept, its usage and different interpretations, and set them in a context which should be useful for students of Psycho-Social and Psychoanalytic Studies. It addresses some of the main arguments and controversies which surround the concept and attempts to unravel the complexity of the idea, suggesting that it is an invaluable tool in the investigation of the psychodynamics of the social world.

KEY-WORDS: Psycho-Social Studies; Projective Identification; Communication; Attack; Empathy; Racism.

* Este artigo foi originalmente publicado no *Journal Kleinian Studies* (vol.2 – ISSN 1499-0970). O autor agradece a Donald Carvath editor do referido jornal pela autorização para publicação em português. A tradução é de Ana Archangelo Guimarães e Cristiano Di Giorgi – Professores do Departamento de Educação – Faculdade de Ciências e Tecnologia – UNESP – 19060-900 – Presidente Prudente – Estado de São Paulo – Brasil.

** Diretor Associado do *Centre for Psycho-Social Studies*, na *University of the West of England*, Bristol. BS16 1QY, UK, Inglaterra, além de Docente e pesquisador na mesma universidade. Seus interesses de pesquisa incluem a interface entre as teorias psicanalíticas e sociológicas; o pensamento kleiniano e pós-kleiniano; a aplicação social da teoria e da prática psicanalíticas, bem como os métodos de pesquisa psicossocial. Tem publicado vastamente sobre racismo e ódio étnico, e está, no momento, completando um livro que explora as abordagens psicanalíticas e sociológicas desse fenômeno.

INTRODUÇÃO

Em trabalhos anteriores eu tenho ressaltado o que acredito ser uma explicação sociológica crítica do racismo e do ódio étnico (CLARKE, 1999, 1999a). Nesse contexto amplo de pesquisa, tenho introduzido e centrado a discussão no conceito de identificação projetiva. Dois temas têm emergido das pesquisas: primeiramente, a complexidade do conceito de identificação projetiva; em segundo lugar, a escassez de revisão desse conceito no interior da literatura sociológica psicanalítica, com exceção do trabalho de Young (1994). Há, contudo, uma rica produção no campo psicanalítico clínico e é essa produção que sustentará este artigo.

Muitas pessoas, em contexto de seminários e conferências, têm me advertido que “essa coisa de identificação projetiva” é muito interessante, mas problemática, por diversas razões. Primeiro, “É tudo muito complexo”. Segundo, “Isso parece significar muitas coisas diferentes e ter muitas interpretações”. Finalmente, dados esses problemas, “É isso de algum uso prático na explicação dos fenômenos sociais, como o racismo, por exemplo?” É no contexto dessas advertências que procuro neste artigo apresentar uma panorâmica do conceito e da literatura primária nessa área. O artigo, portanto, não tem a intenção de uma revisão exaustiva. Ao contrário, procura esclarecer alguns dos principais argumentos e comentários que podem ser úteis para aqueles vinculados a estudos em sociologia.

Devido à dificuldade, se não impossibilidade, da discussão do conceito de identificação projetiva sem uma discussão simultânea de outros conceitos kleinianos, tais como os de posição, cisão (splitting) e fantasia, essas noções serão brevemente abordadas (veja também Clarke 2001). Eu então apresentarei a relação entre projeção e identificação projetiva, antes de propor a discussão dos trabalhos de Klein (1946, 1952, 1993), Bion (1962) e Ogden (1990). Também citarei os trabalhos de Hinshelwood (1989, 1992), Rosenfeld (1988), e Bott-Spillius (1988, 1985) para oferecer um comentário crítico sobre a idéia de identificação projetiva. Soma-se a isso a contribuição de Robert Young (1994), que tem sido crucial na formulação de meu próprio trabalho e traz importantes idéias acerca do conceito. A última parte desse texto aborda exemplos de uso do conceito em análises de fenômenos sociais. Eu concluo, assim como Young (1994) tem feito, que a identificação projetiva é um dos conceitos provenientes da psicanálise mais úteis, desde a descoberta do inconsciente.

Melanie Klein afirma em seu trabalho *Emotional Life of the Infant* (*A Vida Emocional do Bebê*) (1952) que desde os primeiros estágios da vida, sob a ameaça de fantasias de aniquilamento (que emanam tanto da pulsão de morte quanto da hostilidade advinda de frustrações primitivas que foram projetadas), nos quais o self é sentido como sendo um perigo terrível, o bom e o mau estão separados. Klein faz uso do termo fantasia para referir-se à representação psíquica da pulsão: "Fantasias inconscientes não são o mesmo que os sonhos diários (apesar de ligados a eles), mas uma atividade da mente que ocorre em níveis inconscientes profundos e acompanha todo impulso experienciado pelo bebê" (KLEIN, 1952, p. 251). Desta forma, por exemplo, um bebê pode, por um lado, lidar com a fome imaginando a gratificação vinda do seio, mas, por outro lado, pode sentir-se privado e perseguido por esse seio que lhe negou a satisfação. Ou seja, o bebê pode experienciar sua própria frustração como um ataque promovido pelo seio mau, o que gera raiva. A projeção dessa raiva sobre o seio compõe a noção de ataque para o bebê.

Klein também afirma que todos nós desenvolvemos certos conjuntos de atitudes e defesas com as quais aprendemos a lidar com a ansiedade, o terror, o amor e o ódio. Esses conjuntos são chamados "posições" e a teoria de desenvolvimento proposta por Klein inclui duas dessas posições: a esquizo-paranóide e a depressiva. Descrevendo essas duas posições como formas de posicionar-se no mundo, Klein postula que, apesar de originadas nos primeiros estágios da vida, estamos durante toda a vida oscilando entre elas. As posições são, portanto, mais que um estágio distinto e sequencial de desenvolvimento; ao contrário, são, como Hanna Segal (1964) nota, "uma configuração específica de relações de objeto, ansiedades e defesas as quais persistem ao longo da vida" (SEGAL, 1964, xiii).

A posição esquizo-paranóide é a primeira forma de organização das defesas na qual o bom e o mau estão cindidos, separados. Segundo Klein, no momento do nascimento a criança tem ego suficiente para sentir ansiedade e empregar alguns mecanismos de defesa contra ela. A ação da pulsão de morte, juntamente com a frustração que leva à raiva, desencadeiam o temor de aniquilamento, e por ser o ego ainda frágil, ele tende a ser fragmentado quando em situações de ansiedade. O temor de desintegração, portanto, emana tanto da pulsão de morte quanto da raiva que originou-se na frustração e que posteriormente foi projetada no seio. É esse processo que evoca as defesas esquizo-paranóides. A cisão entre o bom e o mau é a defesa do ego primitivo no qual os temores da criança

pequena toma a forma de fantasia de perseguição. Nas defesas e fantasias, o mundo é cindido entre objetos bons e objetos maus. O bom é introjetado e idealizado. O mau é denegrado. Sentimentos que provêm da frustração e ansiedade são projetados em alguma coisa ou alguém: o objeto mau.

A identificação projetiva é sintomática da posição esquizo-paranóide, onde expulsões agressivas de sentimentos desconhecidos e raiva ocorrem. Nós vimos acima como a ansiedade é gerada de uma fonte interna na forma de pulsão de morte e da frustração em relação ao seio, mas, para Klein, a primeira forma de ansiedade advinda de uma força externa pode ser encontrada na experiência do nascimento, momento em que a dor e a ansiedade sofridas são percebidas como um ataque (KLEIN, 1952, p.62). É a experiência de amamentação que dá início à primeira relação de objeto com a mãe. Nessa fase do desenvolvimento, a mãe não é percebida como um objeto total. Ao contrário, o bebê reage à experiência de algo bom ou algo ruim; por essa razão, o seio da mãe é dividido em seio bom e seio mau, satisfazendo e frustrando o bebê. Nesse caso, a divisão é desencadeada pela experiência e não pela pulsão. Há, contudo, um vínculo entre as forças intrapsíquicas e os fatores externos na origem da ansiedade na posição esquizo-paranóide. A diferenciação entre o objeto bom e o objeto mau permite à criança experienciar o bom como a base de seu senso de eu. Em outras palavras, a idealização e internalização do objeto bom forma a base para a confiança e o amor: "Quando a criança sente que ela contém objetos bons, ela experienciará confiança e segurança. Quando sente que contém objetos maus, experienciará insegurança e desconfiança. A relação da criança com objetos internos bons e maus se dá simultaneamente à relação com os objetos externos e influencia permanentemente o seu curso" (KLEIN, 1952a, p. 59).

Klein descreve o conflito e a harmonização que a criança vive como resultado do interjogo entre ego, objeto e experiência. Há uma interação constante dos processos de introjeção de um objeto bom, os quais reforçam e defendem o ego primitivo, e a identificação projetiva entre o mundo (objeto) interno e a realidade externa. Esta forma de cisão é característica da posição esquizo-paranóide, na qual as partes ruins ou ameaçadoras do self são projetadas e ligadas a objetos externos: o seio materno. O problema, como Klein demonstra, é que esse processo nunca atinge plenamente seu propósito: "portanto a ansiedade de ser destruído a partir de dentro permanece ativa." (KLEIN, 1946, p.5).

Craib (1989) também assinala sucintamente que a projeção da agressão em objetos externos faz com que a criança tema um ataque

externo – “o temor de que os objetos maus retornarão e o destruirão a partir de fora” (CRAIB, 1989, p. 146). Há, portanto, um temor duplo – o de ser destruído por forças externas e por forças internas. A ansiedade surge, pois, da relação social entre mãe e bebê e de ansiedades internas associadas à pulsão de morte. Ogden (1986) ressalta a importância das influências ambientais na criança através do papel da identificação projetiva: “...podemos dizer que o pensamento kleiniano envolve uma concepção implícita da importância do ambiente, apesar de Klein não ter reconhecido plenamente essa implicação no conceito de identificação projetiva. Sem a mãe que serve como container das identificações projetivas do bebê, este último estaria condenado a uma existência psicótica ou autística.” (OGDEN, 1986, p. 37). Ogden, portanto, enfatiza a importância da intersubjetividade e da experiência com o mundo externo no desenvolvimento da criança. Ao invés de prisioneiro de seu mundo interno, a criança torna-se capaz de desenvolver uma relação com o mundo externo através da mediação realizada pela mãe, no papel de container (seguindo BION, 1962).

Klein vê a posição esquizo-paranóide como uma defesa normal contra a ansiedade que sustenta o ego primitivo e permite a passagem para a posição depressiva. Processos como os de identificação projetiva, cisão e idealização são formas de estabelecer uma certa ordem no caos vivido pelo bebê. Como Klein aponta, a introjeção (colocar para dentro e internalizar) do objeto idealizado oferece à criança uma proteção contra ansiedades persecutórias sobre a qual é desenvolvido um ego mais forte e integrado. A tendência para cindir o objeto se enfraquece na medida em que o temor frente ao objeto mau diminui. Mundos interno e externo tornam-se menos polarizados e o bom e o mau passam a ser percebidos como objetos totais: “Sua relação com o mundo externo, com as pessoas e com as coisas cresce. O alcance de sua gratificação e de seus interesses se amplia, e seu poder de expressar as emoções e comunicar-se com as pessoas aumenta.” (KLEIN, 1952, p. 72). Isso, segundo Klein, descreve a experiência integrada a que ela dá o nome de posição depressiva.

A posição depressiva significa que os sentimentos associados a conflitos são menos sujeitos à cisão e à projeção. Há um reconhecimento do bom e do mau dentro de si mesmo. Isso permite também o reconhecimento dessas partes nos outros que agora são percebidos como objetos totais. Essa experiência de integração presente na posição depressiva permite que o “conflito entre amor e ódio tenha uma saída satisfatória” (KLEIN, 1952, p. 72). O cuidado é desenvolvido na relação com o outro, assim como a culpa. O indivíduo odeia a parte de si que é capaz de odiar, e procura reparar os danos feitos em realidade e em

fantasia: “quando o bebê sente que seus impulsos destrutivos e fantasias estão direcionadas contra a pessoa amada como um todo, a culpa emerge com força total, e com ela, a urgência incontornável de reparar, preservar ou fazer reviver o objeto amado danificado.” (KLEIN, 1952, p. 74).

Essa tendência reparatória é, para Klein, ela mesma um mecanismo de defesa contra a ansiedade. Klein explica: “Minha mãe está desaparecendo, ela pode não retornar, ela está sofrendo, ela está morta. Não, isso não pode ser, eu posso fazê-la reviver”. (KLEIN, 1952, p.75). Há, portanto, um tipo de luto pela perda do objeto bom e simultaneamente um sentimento de culpa pelo objeto destruído em fantasia. O que ocorre é que o bebê pode ser tão invadido pela ansiedade depressiva que pode negar todo o amor que sente pelo objeto, retornando às defesas esquizo-paranóides. De acordo com Klein, no curso ‘normal’ do desenvolvimento, a criança na posição depressiva vivenciará um decréscimo na ansiedade persecutória associada à posição esquizo-paranóide, enquanto experiência um aumento das ansiedades depressivas que acompanham o desejo de reparação. As ansiedades e situações traumáticas podem fazer com que o bebê oscile entre essas duas posições. Atingir a posição depressiva, afirma Hinshelwood (1989), é uma etapa do desenvolvimento, ainda que uma etapa incerta. Na verdade, esta é uma tarefa para toda a vida. (HINSHELWOOD, 1989, p. 144).

Essa breve discussão sobre as posições esquizo-paranóide e depressiva teve o objetivo exclusivo de introduzir o tema principal deste artigo – a identificação projetiva. A identificação projetiva é sintomática da posição esquizo-paranóide, dos processos de cisão e fantasia. À medida que o bebê se move precariamente na direção da posição depressiva, a ênfase transfere-se da projeção para a introjeção, devido ao medo de perder o objeto bom amado. Klein ressalta que muitos dos mecanismos de defesa e comunicação desenvolvidos nos primeiros anos de vida continuam a ser utilizados na vida adulta e são evocados por certas condições psicológicas e ambientais. Na condição de sociólogo de orientação psicanalítica, meu interesse é exatamente entender tais condições externas, ambientais que despertam a ansiedade que as pessoas experimentam na vida adulta. Em outras palavras, o impacto que questões sociais como racismo, desemprego, diferenças sociais têm no psiquismo do sujeito, além da forma em que as instituições sociais podem promover as diversas formas de identificação projetiva.

PROJETAR SOBRE, PROJETAR PARA DENTRO DE

Antes de ir adiante, talvez seja útil esclarecer as diferenças entre a noção de projeção, que conta com uma longa história na teoria psicanalítica, e o conceito de identificação projetiva, específico da teoria kleiniana. Projeção *per se* é o processo descrito por Freud (1919) em seu artigo *Das Unheimlich*. Já abordei longamente esse trabalho em outra oportunidade (Clarke, 2001), mas penso que seria importante dizer aqui que ele reflete a discussão mais filosófica proposta por Freud – é nele que Freud se volta para a estética, para a qualidade dos sentimentos, não apenas para aquilo que é sublime e belo, mas através de seu estilo magnífico, também para o temível, “para o que é assustador- para aquilo que desperta medo e horror” (p. 219). Para o sociólogo, o melhor exemplo do uso do conceito de projeção na teoria crítica pode ser visto na obra *Dialectic of Enlightenment (Dialética do Esclarecimento)*, de Max Horkheimer e Theodor Adorno (1994), onde encontramos a frase, freqüentemente citada: “o que parece repulsivamente estranho é, na verdade, completamente familiar” (p. 182).

Projeção é *per se* um mecanismo relativamente direto através do qual impulsos, sentimentos e partes não palatáveis do self são expulsos e depositados sobre os outros. Em outros termos, projetamos sobre o mundo as experiências e qualidades que são parte de nós mesmos, considerando-as como parte de alguma outra pessoa ou coisa. A noção kleiniana de identificação projetiva, contudo, difere disso significativamente, e essa diferenciação deve ser explicitada.

O uso que Horkheimer e Adorno fazem do conceito de projeção na explicação do anti-semitismo permite uma compreensão bastante útil dos processos psicodinâmicos que sustentam o racismo e o ódio étnico. Mas o que eles falham em explicar é a maneira através da qual esses processos fazem o recipiente da projeção sentir-se – inferior, por exemplo. A diferenciação entre projeção e identificação projetiva está aí. Projeção é um processo relativamente direto em que atribuímos nossos próprios estados afetivos a outros. Nós podemos nos sentir deprimidos, por exemplo e ver, por isso, nossos colegas de trabalho como sendo ‘coitados’, ou culpá-los por nossos próprios erros. Em contraste, a identificação projetiva envolve uma cisão profunda, um desvincilhamento de partes não palatáveis do self através do depósito dessas partes *no interior* uma outra pessoa – e não apenas *sobre* ela. Julia Segal (1992) elucidou: “Isso pode ser um meio bastante poderoso de comunicação de

sentimentos (usado, por exemplo, por bebês ou crianças pequenas antes que elas possam falar). Mas pode também ser usado como um ataque destrutivo em que partes desprazerosas, insuportáveis ou 'loucas' do self são evocadas em outras pessoas para destruir o conforto, a tranqüilidade mental e a felicidade delas" (SEGAL, 1992, p. 36). A projeção *per se* pode não ser danosa, uma vez que o recipiente dos conteúdos projetados pode serenamente não entrar em contato com eles. A identificação projetiva, entretanto, envolve forçar tais conteúdos para dentro da outra pessoa, o recipiente.

Klein (1952) afirma que os processos que fundam a identificação projetiva operam nas primeiras relações do bebê com o seio materno. Ela descreve "O sugar 'vampiresco, o esvaziamento do seio'" (KLEIN, 1952, p. 69), porque o bebê, em fantasia, tenta atingir o corpo da mãe. Isso corresponde a ataques orais sádicos sobre o seio que estão profundamente ligados à voracidade e que procuram invadir e esvaziar o corpo materno de tudo que é bom e desejável. Ao mesmo tempo, conduzidos pela ansiedade persecutória, a parte má do self é projetada para dentro do objeto, o seio: "partes expelidas do ego são também projetadas sobre a mãe ou, como eu diria, **para dentro da mãe...** Muito do ódio contra partes do self é dessa forma direcionado para a mãe. Isso leva a uma forma particular de identificação que estabelece o protótipo de uma relação de objeto agressiva. Para esses processos, eu sugiro o nome de identificação projetiva" (KLEIN, 1946, p. 8).

Não são apenas as partes más do ego que são expulsas e projetadas para dentro dos outros, mas também partes apreciadas do self. Os conceitos de 'container' (termo em inglês também utilizado em português; aquilo que contém) e 'contido' formulados por Bion (1962) demonstram como a identificação projetiva pode ser positiva e comunicativa, quando a criança aprende através da experiência de interação com sua mãe. Entretanto, deve-se notar que Bion reconhece que a continência (ato de conter; em inglês, containment) pode ser destrutiva; o container pode esmagar e destruir o 'contido'. A questão, tanto para Klein quanto para Bion é que um equilíbrio entre a expulsão de aspectos bons e maus pode ser alcançado, o que é essencial para o desenvolvimento de relações de objeto 'saudáveis'. Vários aspectos dos objetos bons e maus são próximos uns dos outros. Quando a posição depressiva é alcançada, há uma síntese entre o bom e o mau, o que permite que os objetos sejam vistos como pessoas, como um todo. Há também uma discrepância menor entre os mundos interno e externo, na medida em que o ego torna-se mais integrado.

Infelizmente, para aqueles que começam a ter contato com a teoria das relações de objeto, quanto mais se lê, mais as coisas parecem ficar complicadas. Exemplo disso é a afirmação de Klein sobre o fato de um

objeto forçosamente penetrado pela fantasia estimular ansiedades que ameaçam o sujeito. "Por exemplo, os impulsos para controlar um objeto a partir de seu interior instigam o temor de ser controlado e perseguido. Ao introjetar e reintrojetar o objeto que foi forçosamente penetrado, os sentimentos do sujeito relativos à perseguição interna são profundamente reforçados." (KLEIN, 1946, p. 11).

Para Klein, a situação de introjeção e reintrojeção do objeto mau está no âmago da paranóia. Exemplos de tal paranóia seriam o temor de ser aprisionado em outro corpo (ou cultura) ou o medo de um outro objeto (ou cultura) forçar-se dentro de nosso self. A implicação disso é que, ao fazer uso da identificação projetiva para expulsar nossos 'pequenos maus pedaços' para dentro de outras pessoas, vivemos o medo de sermos invadidos por esses outros, tanto internamente, onde o outro é o objeto de nossas fantasias, quanto externamente, onde o outro é o objeto de nossas projeções. Nesse sentido, esse processo perpetua o ciclo de perseguição. Portanto, a noção de identificação projetiva torna-se tanto mais complexa quanto mais esclarecida. Em virtude dessa complexidade, gostaria de abordar na próxima seção as principais linhas de argumentação e literatura a respeito desse conceito.

IDENTIFICAÇÃO PROJETIVA: DO ATAQUE À EMPATIA?

Robert Young (1994) sugere que a identificação projetiva é "o conceito psicanalítico mais frutífero desde a descoberta do inconsciente" (YOUNG, 1994, p. 120). Em uma extensa revisão da literatura, Young pontua tanto a complexidade da identificação projetiva quanto à diversidade de interpretações desse conceito kleiniano. Eu tenho afirmado que a identificação projetiva envolve a introdução forçosa de um sentimento ou emoção em algum outro. Em outras palavras, o recipiente da projeção é afetado por aquele que projeta os sentimentos. Young nota, entretanto, que os psicanalistas estão divididos quanto à questão de que "se um Outro real que é afetado pela projeção é ou não essencial para o conceito" (YOUNG, 1994, p. 124). Bott-Spillius (1988) acredita que a identificação projetiva é usada e direcionada tanto aos objetos internos, quanto aos externos. Hanna Segal (1964) define identificação projetiva como uma projeção para dentro de um objeto externo: "partes do self e objetos internos são cindidos e projetados para dentro de um objeto externo" (SEGAL, 1964, p. 14). Bion (1962), citado por Young (1994), também fala de uma projeção sobre um objeto externo. A questão parece ser que, apesar de a projeção ser destinada para um objeto externo, ela também pode existir na fantasia do sujeito que projeta e, portanto, pode não ter um efeito real ou tangível no objeto externo.

Julia Segal (1992) usa o termo para descrever um mecanismo que é designado para evocar uma resposta nos outros: "É um meio muito poderoso de comunicação de sentimentos, utilizado por bebês e crianças pequenas antes que elas possam conversar" (SEGAL, 1992, p. 36). Joseph (1989, citado por Young, 1994) fala de uma "sutil e leve cotovelada" que evocaria a resposta em outros. No contexto analítico, o paciente pode tentar induzir, consciente ou inconscientemente, sentimentos e pensamentos no analista, para "levemente empurrar" o analista para formas de agir que sejam condizentes com as projeções do paciente. Geralmente, esse processo é sutil e não conscientemente planejado. O recipiente não é sempre imediatamente induzido a agir ou comportar-se de uma certa forma, mas fortemente levado a sentir as projeções destinadas a ele. Joseph (1989) identifica três tipos de identificação projetiva no interior do ambiente clínico. Primeiro, o ataque à mente do analista: "um tipo de invasão total" (JOSEPH, 1989, p. 174). Gianna Williams (1997) compara essa forma de identificação projetiva à sensação de estar temporariamente cego, como se um ácido tivesse sido jogado em seus olhos. (WILLIAMS, 1997, p. 928). Segundo, uma invasão parcial, um controle das capacidades do analista. E, finalmente, colocar partes do self, especialmente as inferiores, dentro do recipiente. Este último pode ser comparado à noção de continência, formulada por BION (1962). No primeiro exemplo, o paciente é identificado com as capacidades do analista, enquanto que no último, o analista é identificado com o as partes más ou inferiores do self. Ogden (1986), em alguma medida, sustenta a idéia de Bion (1962) de a identificação projetiva ser mais comunicativa do que interna, no sentido de que a projeção é direcionada ao objeto externo e é destinada inconscientemente, e talvez conscientemente, em alguns casos, para induzir uma resposta. Bott-Spillius (1995) nota que os analistas têm gradualmente ampliado o uso do conceito kleiniano de identificação projetiva: "Esta é, acredito, uma das poucas áreas nas quais a teoria e prática kleinianas atuais são claramente diferentes daquelas originalmente postuladas por Klein, pois hoje aceitamos sem hesitar a idéia de que a identificação projetiva freqüentemente, apesar de não sempre, afeta o recipiente." (BOTT SPILLIUS, 1995, p.1).

O arco de definições de identificação projetiva é complexo e muitas vezes confuso. O trabalho de Bott-Spillius (1995) ajuda a esclarecer o termo. Se pensarmos na fantasia como sendo acompanhada de alguma forma de comportamento comunicativo que tem um efeito sobre o objeto externo, o recipiente, então, como Bott-Spillius afirma, a identificação projetiva "comunica algo, mesmo quando a comunicação não é o objetivo primordial, consciente ou inconsciente, do sujeito."

(BOTT-SPILLIUS, 1995, p. 1). Klein é bastante clara sobre esse aspecto em seu artigo *Some Theoretical Conclusions Regarding the Emotional Life of the Infant* (Algumas conclusões teóricas relativas à vida emocional do bebê) (1952), em que afirma que a identificação projetiva tem um papel vital na interação entre o mundo interno e o externo.

O problema para os sociólogos de orientação psicanalítica é que nós tomamos a identificação projetiva como sendo um fenômeno completamente intra-psíquico. Daí, não pode ser de qualquer utilidade para o campo sociológico. Tal definição puramente intra-psíquica não colabora para o estudo das interações complexas entre indivíduos, grupos e sociedade. Como conceito, não há possibilidade de uso fora do ambiente de consultório. Entretanto, eu acredito que esta posição não faz justiça aos ricos e poderosos insights que a identificação projetiva pode trazer para o campo sociológico. Na próxima seção desse texto, examinarei os trabalhos de Bion (1962) e Ogden (1986) que julgo como os mais úteis para a Sociologia, por olharem para a identificação projetiva como um processo intersubjetivo, que é tanto uma forma de comunicação, quanto um aspecto essencial do processo de pensamento.

IDENTIFICAÇÃO PROJETIVA COMO COMUNICAÇÃO

Bion (1959, 1962) desenvolve a idéia de Klein de identificação projetiva, introduzindo os conceitos de container e contido. Nesta versão, o recipiente da projeção atua como um container de sentimentos, tais como amor, ódio e ansiedade. Bion (1962) explica este modelo em relação ao trabalho de Klein: "Abstrairéi para usar como modelo a idéia de um container para o qual um objeto é projetado e o objeto que pode ser projetado no container: este último designarei pelo termo contido." (BION, 1962, p.90). A relação entre container e contido é, como Symington e Symington (1996) notam, ou integrativa ou destrutiva. Dependendo do nível ou grau de agressão na identificação projetiva, o aspecto comunicativo da projeção pode variar desde um ataque, resultando em destrutividade num dos extremos do espectro, até uma forma de comunicação que conduz à empatia e entendimento com o outro. Então, identificação projetiva pode ser tanto destrutiva quanto construtiva. Como Ogden (1990) nota, sob condições otimizadas, o recipiente da projeção pode reprocessar o sentimento evocado e então retorná-lo para o aquele que projeta numa forma mais manejável por este, uma forma comunicativa. Os problemas surgem quando a projeção toma a forma de uma violenta expulsão na qual o "estado do objeto não é considerado" (HINSHELWOOD, 1994, p.130). Se aplicarmos estas idéias à sociedade, então uma dada ordem social pode existir como um sistema de containers institucionais. Os problemas surgem quando o container não é efetivo e

reprojeta algo não-palatável para o sujeito, por exemplo, os sustentáculos do racismo institucional.

Bion oferece uma teoria da emoção que tem um aspecto social ou ambiental. Vários autores têm elaborado suas idéias: Bott-pillius argumenta que a noção de continência diminuiu a separação entre cognição e emoção. Como Bleandonu (1994) nota o “container é penetrado e o contido penetra sempre que uma emoção substitui a outra” (BLEANDONU, 1994, p.130). Em outras palavras, o objeto externo é central na atribuição de sentido ao afeto projetado e torna-se parte do processo de pensamento. A implicação, então, é que para Bion a identificação projetiva pode ser uma atividade comunicativa, uma maneira de transmitir sentido evocando empatia. Como nota Bott-Spillius, é uma maneira de ver o pensamento em termos de uma experiência emocional.

Em outros termos, uma pessoa pode aprender sobre si mesma e os outros através da identificação projetiva.

De novo, a identificação projetiva pode ser “boa” e “positiva”. Meltzer (1978) dá um passo adiante ao argumentar que a noção de container e contido representa a primeira “teoria da história da psicanálise convincente” (MELTZER, 1978, p.52). Podemos ver como a identificação projetiva emerge como um mecanismo positivo, parte do que se aprende a partir da experiência na qual a psicodinâmica comunicativa permite à criança desenvolver-se.

Para Bion, portanto, a identificação projetiva é parte do processo de pensamento. Originalmente um procedimento para “desonerar a psique de acréscimos de estímulos” (BION, 1962, p.31), a fantasia é projetada no container e numa forma reprocessada projetada de volta para aquele que projeta. A questão central é que sentimentos maus ou intoleráveis são transformados pelo recipiente e são tornados toleráveis. Bion chama este processo de transformação a “função alfa”. Se, como Bott-Spillius (1988) nota, tudo vai bem, então quem projeta, a criança, eventualmente introjeta esta função de transformação e assim desenvolve meios de pensamento e tolerância à frustração (BOTT-SPILLIUS, 1988, p. 155). Ogden (1990) reformula as idéias de Bion e descreve uma forma de identificação projetiva interpessoal manipulativa: “Pressão interpessoal é exercida no recipiente da identificação projetiva, pressão que é inconscientemente destinada a exercer coerção para que o recipiente venha a experimentar-se a si próprio e comportar-se de uma maneira que é congruente com a fantasia projetiva inconsciente” (OGDEN, 1990, p.195). No esquema de Ogden sentimentos indesejados são amontoados junto a outros através da indução manipulativa desta experiência no recipiente, alterando desta forma o comportamento tanto daquele que

projeta como do recipiente. Os trabalhos de Bion e Ogden são particularmente úteis para a sociologia psicanalítica na medida em que ambos enfatizam a experiência ambiental e intersubjetiva da criança e do adulto. A identificação projetiva torna-se uma psicodinâmica social que pode ser tanto positiva como manipulativa. A visão de Ogden da identificação projetiva implicitamente envolve alguma forma de mediação entre o indivíduo, o grupo e a sociedade na criação da realidade social.

Herbert Rosenfeld (1988) oferece um delineamento útil do conceito distinguindo dois tipos de identificação projetiva e pontos em direção a um terceiro.

O primeiro, identificação projetiva como método de comunicação, é uma intensificação ou distinção de um relacionamento normal na primeira infância, baseada na comunicação não-verbal entre a mãe e a criança. A criança projeta sentimentos e ansiedades insuportáveis na mãe, que é capaz de aliviar e conter a ansiedade que a criança sente, modificando ou transformando seu comportamento. Numa forma intensificada desta projeção, o paciente "projeta impulsos e partes de si mesmo no analista a fim de que o analista sinta e compreenda suas experiências e seja capaz de contê-los de forma que elas percam o seu terror e sua insuportabilidade e se tornem significativas à medida que o analista seja capaz de pô-las em palavras através de interpretação" (ROSENFELD, 1988, p. 117). Este processo, argumenta Rosenfeld, é de fundamental importância pois habilita o paciente ou pessoa a aprender a tolerar seus impulsos e começar a pensar sobre experiências que eram anteriormente sem significado ou aterrorizantes e comunicá-las a outras pessoas.

Uma segunda forma de identificação projetiva identificada por Rosenfeld envolve a separação e projeção de ansiedades no analista com o único propósito de evacuação.

Este esvaziamento de conteúdos mentais ameaçadores e provocadores de distúrbios leva à negação da realidade psíquica: "como este tipo de paciente primariamente quer que o analista seja conivente com os processos de evacuação e negação de seus problemas, ele freqüentemente reage às interpretações com violento ressentimento, na medida em que elas são sentidas como críticas e ameaçadoras na medida em que o paciente acredita que conteúdos mentais insuportáveis, indesejados e sem sentido são devolvidos a ele pelo analista" (ROSENFELD, 1988, p. 118).

Ainda uma terceira forma de identificação projetiva tem como objetivo controlar o analista ou a mente do objeto. O paciente sente que

forçou o seu caminho para dentro do analista. Rosenfeld argumenta que a projeção das partes “loucas” do self frequentemente dominam e aquele que projeta vive com medo da recontaminação, de contra-identificação projetiva na qual o analista vai re-invadir o paciente com sua loucura. Os três processos podem operar simultaneamente de forma que, por exemplo, alguém pode usar identificação projetiva como **comunicação e controle**, ao mesmo tempo, para evocar no analista ou recipiente um foco de preocupação.

Vimos que o conceito de identificação projetiva é complexo tendo muitas interpretações conflitantes. Hinshelwood (1989, 1992) posiciona todas estas interpretações num continuum de um violento protótipo de relações agressivas até empatia: “Se a identificação projetiva varia desde a expulsão até a comunicação, então no ponto extremo do lado benigno está uma forma de identificação projetiva à qual subjaz a empatia, ou põr-se na pele de outra pessoa... Neste caso, a violência de formas primitivas foi tão atenuada que foi posta sob o controle de impulsos de amor e preocupação” (HINSHELWOOD, 1992, p. 133). Hinshelwood corretamente realça o paralelo entre este continuum e o movimento entre as posições esquizo – paranóide e depressiva. Diversas formas de identificação projetiva podem ser usadas ou empregadas e estas estão estreitamente relacionadas com a noção de posições. Young (1994) nota que não há uma linha separatória clara entre identificação projetiva normal e patológica, assim como não há entre identificação projetiva benigna e virulenta, maligna. Young não está sugerindo que não podemos diferenciar entre identificação projetiva normal e patológica, mas sim que as várias formas e funções da identificação projetiva estão frequentemente misturadas de uma maneira complexa.

Até agora, eu diferenciei entre projeção e identificação projetiva e discuti várias formas deste mecanismo. As interpretações vão desde o protótipo de uma relação agressiva e violenta até a empatia. Eu argumentei que o mais importante aspecto da identificação projetiva é a natureza do processo projetivo, uma vez que ele envolve projetar **dentro de** ao invés de projetar **sobre** o recipiente. Segal (1992) argumenta que a identificação projetiva é um poderoso meio de comunicação voltado a evocar uma resposta em outros. Joseph (1994) fala de uma ‘sutil cotovelada’, enquanto Bion (1962) expande o aspecto comunicativo da identificação projetiva através de seus conceitos de container e contido. Meltzer (1978) e Bott-Spillius (1988) ressaltam a importância do trabalho de Bion, que introduz a questão da emoção na teoria psicanalítica. Ogden realça o aspecto interpessoal e comunicativo da identificação projetiva, na qual manipulação e coerção são centrais na maneira com que fazemos os outros se sentirem.

Não seria sábio e nem frutífero entender a identificação projetiva como menos do que a combinação das noções aqui discutidas.

Como Hinshelwood nota, as interpretações podem ser postas em um continuum, e eu sugeriria que diferentes formas de identificação projetiva são usadas em diferentes situações psicológicas e em relação com as posições depressiva e esquizo – paranóide. É a “prestação de contas” intersubjetiva da identificação projetiva que oferece um poderoso instrumento para o exame da psicodinâmica social. Eu também assinalei que a identificação projetiva pode ser boa, ou seja, construtiva e comunicativa, tanto quanto patológica e destrutiva. Acredito que isto está implícito no trabalho de Klein, embora Bion (1962) e Ogden (1990) tenham acrescentado profundidade a sua teoria, expandindo-a tanto no elemento interpessoal quanto intrapsíquico das relações objetais.

IDENTIFICAÇÃO PROJETIVA, RACISMO E ANÁLISE SOCIOLÓGICA

Muitos sociólogos sugeriram que o uso de idéias psicanalíticas pode ser útil na explicação do racismo e ódio racial. Rustin (1991) chama nossa atenção para o trabalho de Jean – Paul Sartre (1976) e Klein (1946), localizando o racismo e ódio na fantasia e na paranóia. Rustin ressalta que as interpretações psicanalíticas não são suficientes nelas mesmas, mas são cruciais no exame de processos mentais irracionais, que sustentam estruturas políticas e sociais. Frosh (1989) atribui o racismo à “segurança da psique”, argumentando que explosões de violência racial são um reflexo do medo que o racista tem da desordem, dirigida a outros em defesa do self. De fato, para Frosh, “a defesa racista, ao lado da fantasia de uma ordem ‘masculina’, é parte do ódio a tudo que a modernidade traz – seus terrores e desconexões, suas promessas e sua fértil criatividade. Racismo, consequentemente, não é apenas anti – semítico ou anti – negro; é anti – mundo, anti – desejo, anti – modernidade ela mesma” (FROSH, 1989, p.243).

O trabalho de Frosh começa a lançar o alicerce para uma interpretação psicanalítica da desordem racista. Elliot (1994), de forma semelhante, procura mapear a relevância da psicanálise e, particularmente da teoria kleiniana, para o quadro cultural contemporâneo. Elliot argumenta que a visão kleiniana do amor e do ódio, da dor humana, da raiva e do desespero é de considerável importância para a análise social crítica, uma vez que sentimentos negativos e destrutivos entrelaçam-se com atributos raciais socialmente valorizados. O racista separa o mundo em categorias rígidas – o mundo social e o político são caracterizados pela separação de bom e mau.

Roberto Young (1994) identificou um “estrondoso silêncio” na literatura psicanalítica sobre o racismo. Com a exceção dos autores já citados e dos trabalhos de Fanon (1968), Kovel (1970) e Wolfenstein (1981), houve poucas tentativas de aplicar idéias psicanalíticas e, em particular, os “insights” kleinianos de forma sistemática. Young chama nossa atenção para algumas das características do ódio racial que incluem: cisão, identificação projetiva violenta e estereotípi.

No estudo do racismo, estamos interessados na forma de identificação projetiva que objetiva evocar uma resposta em outras pessoas, fazê-los sentirem-se de uma certa forma. Uma analogia que podemos buscar é a diferença entre preconceito e discriminação. Se preconceito diz respeito a pré – julgar na ausência de evidências, e discriminação é agir com base no preconceito, então o preconceito em si mesmo é relativamente inofensivo; é a ação que fere. Similarmente, projeções e identificações projetivas que são contidas e vividas no mundo interior tem um impacto pequeno no mundo externo e, neste caso, elas pareceriam ter pouca importância sociológica.

É a expulsão violenta, o ataque, o impulso a “sugar, morder, assaltar” para fazer outras pessoas se sentirem de determinadas maneiras que oferecem o poder explicativo na identificação projetiva. No processo de construção deste trabalho, procurei mostrar em artigos anteriores (1999, 1999a, 2000, 2000a) como o conceito de identificação projetiva pode aumentar o nosso conhecimento da psicodinâmica do ódio racial.

Por exemplo, sugeri (Clarke, 1999a) que Franz Fanon, em *Pele Negra, Máscaras Brancas*, dá alguns contundentes exemplos da experiência vivida das vítimas do racismo numa análise das conseqüências psíquicas do colonialismo que ressonam com os mecanismos da identificação projetiva. O trabalho de Fanon concentra-se na psicologia da opressão e em estratégias para resistir à opressão. A compreensão de Fanon a respeito da psicologia da opressão é que a inferioridade é o produto de um duplo processo, simultaneamente sócio-histórico e psicológico: “Se há um complexo de inferioridade, ele é resultado de um duplo processo: primariamente econômico; subseqüentemente, a internalização, ou melhor, a epidermalização desta inferioridade” (FANON, 1968, p.13).

Fanon ilustra esta internalização da projeção: “Meu corpo me foi dado de volta caído, distorcido, recolorido, vestido no luto daquele dia branco de inverno. O negro é um animal, o negro é mau, o negro é feio,...” (FANON, 1968, p.113).

Se nos referimos à quebra dos corpos, à distorção, como mais do que uma metáfora, então esses processos são o produto de identificação projetiva. Pessoas brancas fazem pessoas negras à imagem de suas projeções. Como nota Fanon: "O homem branco teceu-me com milhares de detalhes. Eu fui nocauteado com ton-tons, canibalismo, deficiência intelectual, fetichismo, defeitos raciais, navios negreiros..." (FANON, 1968, p.112). A pessoa negra vive estas projeções.

Os negros são encurralados por processos econômicos e poderosos mecanismos projetivos num imaginário que os brancos construíram e que tanto cria como controla o outro. O que é interessante no trabalho de Fanon é a forma pela qual ele nos dá o sentido de como o objetivamente real, a economia política do ódio e eventos históricos, são quase literalmente forçados dentro das pessoas. Desta forma, a realidade social alimenta as identificações projetivas do racismo. A sociedade não apenas falha em conter o mal no racismo, mas, de alguma forma, encoraja uma maligna identificação projetiva.

Os escritos de Fanon são sem dúvida influenciados pelo trabalho de Jean_Paul Sartre. Quando Sartre fala de anti – semitismo como paixão, não é o judeu que produz a experiência; ao contrário, é a identificação projetiva sobre o judeu que produz a experiência. A experiência é tornada redutível ao objeto. Em outras palavras, a percepção e o entendimento do anti-semita é inteiramente baseado no objeto – parcial projetado pelo próprio anti-semita. De fato, para Sartre, se o judeu não existisse, o anti-semita o inventaria. Sartre argumenta que os judeus foram envenenados pelo estereótipo que outras pessoas têm a respeito deles, que vivem com medo de que suas ações correspondam a este estereótipo; ou seja, sua conduta é "perpetuamente sobredeterminada a partir de dentro" (SARTRE, 1976, p.95).

De maneira semelhante, o estudo de Paul Hoggett sobre o ressentimento branco em relação a comunidades oriundas de Bangladesh, em Tower Hamlets, em Londres, ilustra o mecanismo projetivo que abre caminho para o ódio racial. Deslocamento social e uma série de ofensas criaram uma profunda ansiedade entre as classes trabalhadores brancas da área conduzindo à tensão entre as duas comunidades. A barata tornou-se um foco de paranóia e defensividade. Apesar de evidências sugerindo que a maior infestação de baratas tinha várias causas estruturais plausíveis – a melhora dos lares introduzindo vidraça dupla e aquecimento central – os inquilinos brancos se recusaram a acreditar que este era o caso. Este pequeno inseto passou a representar um complexo corpo de ressentimentos, medo e ódio. De fato, para Hoggett: "o ressentimento que os brancos sentem em relação à comunidade oriunda de Bangladesh tornou-se pungente pelo fato de que esta comunidade tem muitas características – uma extensa e extensiva

rede de parentesco, respeito pela tradição e superioridade masculina, capacidade para empreendedorismo e o avanço social – que a classe trabalhadora branca perdeu” (HOGGETT, 1992, p. 354). Neste sentido, elementos fantasiados da comunidade da classe trabalhadora branca são projetados na comunidade proveniente de Bangladesh. A classe trabalhadora branca projeta seu estado desmoralizado na outra comunidade sob a forma de hostilidade ao estilo de vida adotado por essa comunidade e simultaneamente sentindo uma perda do seu próprio estilo de vida. A desmoralização está ancorada em desenvolvimentos históricos objetivos, numa realidade social que pode gerar apenas ansiedade e medo, e com eles, formas malignas de identificação projetiva.

Eu também sugeri a maneira pela qual a identificação projetiva é útil na compreensão da identidade colonial (2000a). Utilizando novamente o trabalho de Sartre e Fanon (1968), argumentei que a fantasia oferece um veículo para a construção da identidade de si e do outro. De fato, a internalização da fantasia projetada está implícita no trabalho de Fanon. A identidade negra é uma falsa identidade para Fanon. É uma construção das fantasias coloniais sobre o outro. A pessoa negra é literalmente demolida pelas identificações projetivas do opressor branco. A identidade negra foi tão profundamente construída pela cultura branca que a pessoa negra adota uma “máscara branca”. Novamente, a identificação projetiva é guiada pelas influências ambientais bem reais. Fantasias sobre a identidade negra e os processos de identificação projetiva que alimentam a ideologia racista emanam da necessidade de desumanizar as vítimas da exploração colonial.

Nós odiamos o grupo que construímos em nossas próprias mentes; o racismo é o medo de nossa fantasia projetada. Em algum sentido, o uso do conceito de identificação projetiva para ilustrar a violenta expulsão de nossos próprios pensamentos, fantasias e medos impalatáveis em algum outro é muito direta, e evita, ou pelo menos não dá o devido crédito para a poderosa natureza analítica do conceito. Tendemos a associar racismo e ódio com atos de violência e limitações espaciais bem reais e tangíveis. Há também a questão das formas de racismo mais sutis, mas não menos prejudiciais, que podem ser vistos como atos de violência psíquica. Este é tipicamente o caso do racismo institucional, por exemplo, no qual a identificação projetiva é freqüentemente sutil, uma gentil cotovelada, bem escondida, mas que, de qualquer forma, leva o recipiente sentir-se desconfortável, ansioso e diferente.

Estas formas de identificação projetiva induzem na vítima o sentimento de não pertencer a uma instituição e, finalmente, um sentimento de exclusão. Em um estudo da experiência de estudantes

negros e asiáticos na educação superior (CLARKE, 2000), argumentei que há evidências de formas sutis de identificação projetiva, na qual os pares brancos dos estudantes de minoria étnica fazem-nos sentirem-se como não pertencendo à instituição. Há uma complexa interação entre a projeção da ansiedade individual em um nível e o ambiente macro-social da instituição como promotora de identificação projetiva em um outro nível. Isto é reforçado pela construção estereotipada de “negro” e “diferença” que induzem no estudante uma sensação de “não-pertencimento”.

Se vamos nos reportar ao racismo institucional, então precisamos entender os sutis processos e mecanismos emocionais que subjazem a essas formas de exclusão social. Esta, parece-me, é a questão crucial para a sociologia psicanalítica, e um espaço para pesquisas posteriores. Como a instituição promove identificação projetiva maligna? A teoria Kleiniana e, particularmente, o conceito de identificação projetiva, pode dar um “insight” valioso a respeito dos processos e oferecer algum ganho a respeito da natureza visceral e incorporada do racismo.

CONCLUSÃO

Tentei aqui apresentar uma visão ampla e uma introdução a alguns dos mais importantes assuntos que rodeiam o conceito de identificação projetiva. É voltada ao estudante de questões psicossociais e psicanalíticas e espero que seja também de algum interesse para os que atuam na clínica. A questão chave é: o conceito tem alguma utilidade para os sociólogos?

A minha resposta imediata é um retumbante “sim”. A complexidade do conceito não deveria se constituir numa barreira aos ricos e valiosos “insights” que a teoria psicanalítica kleiniana pode nos dar em relação ao igualmente complexo mundo social no qual vivemos. Tentei deslindar esta complexidade discutindo as formas de identificação projetiva. Sugeri que esta forma intersubjetiva de identificação projetiva é a mais útil no campo da sociologia psicanalítica sem, com isso, desvalorizar a importância da formulação intrapsíquica na situação clínica. Em artigos anteriores (1999, 2000, 2000a), usei a noção de identificação projetiva para analisar o trabalho de Fanon (1968), Zizek (1993) e Sartre (1976) a respeito do colonialismo e ódio étnico, e chamei a atenção para os trabalhos na seção anterior do artigo para dar uma breve ilustração da utilidade do conceito e guiar o leitor para uma literatura mais ampla nesta

área. Embora a identificação projetiva tenha me dado uma compreensão maior sobre os elementos afetivos e viscerais do racismo e complementado idéias sociológicas, há também várias outras maneiras através das quais "insights" psicanalíticos podem, evidentemente, melhorar a metodologia da pesquisa sociológica. Por exemplo, eles podem nos ajudar a entender a dinâmica projetiva do processo de entrevista e a construção psicodinâmica do ambiente de pesquisa por parte do entrevistador e do entrevistado. Eu concluo, concordando com Robert Young, quando ele afirma que a identificação projetiva é um dos mais úteis conceitos psicanalíticos desde a descoberta do inconsciente; e eu exortaria estudantes de estudos psicossociais e psicanalíticos a se engajar na complexidade da idéia de identificação projetiva de forma que eles possam usufruir dos "insights" ricos e valiosos que o conceito fornece para a análise do mundo social contemporâneo.

Recebido em: 03/04/2002

Aprovado em: 06/06/2002

NOTAS

1. Identificação projetiva pode ser entendida como dirigida tanto a objetos internos quanto externos, mas como Young adverte: "É importante enfatizar que a identificação projetiva pode ocorrer inteiramente dentro do inconsciente da pessoa que projeta e não necessita absolutamente estar envolvida com um comportamento que visa provocar uma resposta de outra pessoa. O outro pode permanecer exclusivamente no mundo interior na pessoa que cria a identificação projetiva e oferece uma resposta para sua fantasia" (Young, 1994, p. 125).
2. Para uma discussão das formas intrapsíquicas de identificação projetiva e um relato histórico de desenvolvimento do termo, ver Joseph Sandler (1987), no seu trabalho "Projeção, Identificação e Identificação Projetiva".
3. Ver também o trabalho de Menzies Lith (1989, 1999), que explora a psicodinâmica de instituições sociais, e em particular o processo de continência e a transparência de ansiedade e a introjeção de preceitos institucionais e características.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BION, W. R. *Experiences in groups*. London: Tavistock, 1959.
- _____. *Learning from experience*. London: Karnac Books, 1962.
- BLEANDONU, G. *Wilfred Bion: his life and works 1897-1979*. London: Free Association Books, 1994.
- BOTT-SPILLIUS, E. *Melanie Klein today: developments in theory and practice, mainly theory*. London: Routledge, 1988, v.1.
- _____. Introduction to the topic of projective identification. *Conference Understanding Projective Identification: Clinical Advances, UCL*, p.28-29, October 1995.

- CLARKE, S.; BIRD, J. Racism, Hatred and Discrimination through the Lens of Projective Identification. *Journal for the Psychoanalysis of Culture and Society*. v.4, n.2, p.158-161, 1999.
- CLARKE, S. Splitting difference: psychoanalysis, hatred and exclusion. *Journal for the Theory of Social Behaviour*. v.29, n.1, p.21-35, 1999.
- _____. Experiencing racism in higher education. *Journal of Socio-Analysis*, v. 2, n.1, p.47-63, 2000.
- _____. Psychoanalysis, psychoexistentialism and racism. *Psychoanalytic Studies*, v. 2, n.4, p. 343-355, 2000a.
- _____. From aesthetics to object relations: situating klein in the freudian uncanny. *Free Associations*. v. 8, n.4, p. 547-561, 2001.
- _____. The kleinian position: phantasy, splitting and the language of psychic violence. *Journal for the Psychoanalysis of Culture and Society*. v. 6, n.2, p. , 2001a.
- CRAIB, I. *Psychoanalysis and social theory: the limits of sociology*. London: Harvester Wheatsheaf, 1989.
- ELLIOTT, A. *Psychoanalytic theory: an introduction*. London: Blackwell, 1994.
- FANON, F. *Black skin White masks*. London: MacGibbon & Kee, 1968.
- FREUD, S. The uncanny, *the standard edition of the complete psychological works of Sigmund Freud*. London: Hogarth Press, 1961, v. 17, p. 219-252.
- FROSH, S. Psychoanalysis and racism. In: RICHARDS, B. (Ed.). *Crisis of the self*. London: Free Association Books, 1989. p. 229-244.
- HINSHELWOOD, R. D. *A dictionary of kleinian thought*. London: Free Association Books, 1989.
- _____. *Clinical klein*. London: Free Association Books, 1992.
- HOGGET, P. A place for experience: a psychoanalytic perspective on boundary, identity, and culture. *Environment and Planning: Society and Space*. v.10, p.345-356, 1992.
- HORKHEIMER, M.; ADORNO, T. *Dialectic of enlightenment*. London: Continuum, 1994.
- JOSEPH, B. Projective identification: some clinical aspects. In: FELMAN, M.; BOTT-SPILLIUS, E. (Ed.). *Psychic equilibrium and psychic change*. London: Tavistock/Routledge, 1989. p.168-180.
- KLEIN, M. Notes on some schizoid mechanisms. In: _____. *Envy and gratitude and other works 1946-1963*. London: Karnac Books, 1993, 1946. p. 1-24.
- _____. Some theoretical conclusions regarding the emotional life of the infant. In: _____. *Envy and gratitude and other works 1946-1963*. London: Karnac Books, 1952, p. 61-93.

- _____. The mutual influences in the development of ego and Id. In: _____, *Envy and gratitude and other works 1946-1963*. London: Karnac Books, 1952a, p. 57-60.
- _____. *Envy and gratitude and other works 1946-1963*. London: Karnac Books, 1993.
- KOVEL, J. *White racism: a psychohistory*. New York: Pantheon, 1970.
- MELTZER, D. *The kleinian development*. London: Karnac Books, 1978.
- MENZIES LYTH, I. *Containing anxiety in institutions*. London: Free Association Books, 1988.
- _____. *The dynamics of the social*. London: Free Association Books, 1989.
- OGDEN, T. H. *The matrix of the mind: object relations and the psychoanalytic dialogue*. London: Karnac Books, 1986, 1990.
- ROSENFELD, H. Contribution to the psychopathology of psychotic states: the importance of projective identification in the ego structure and the object relations of the psychotic patient. In: BOTT-SPILLIUS, E. (Ed.) *Melanie Klein today: developments in theory and practice, mainly theory*. London: Routledge, 1988. v.1, p.117-137.
- RUSTIN, M. *The good society and the Inner world*. London: Verso, 1991.
- SANDLER, J. (1987). The concept of projective identification. In: SANDLER, J. (Ed.). *Projection, identification and projective identification*. London: Karnac Books, 1987, p.13-26.
- SARTRE, J-P. *Anti-semitism and jew: an exploration of the etiology of hate*. New York: Schocken Books, 1976.
- SEGAL, H. *Introduction to the work of Melanie Klein*. London: Heinemann, 1964.
- SEGAL, J. *Melanie Klein*. London: Sage, 1992.
- SYMINGTON, J. & N. *The clinical thinking of Wilfred Bion*. London: Routledge, 1996.
- WILLIAMS, G. Reflections on some dynamics of eating disorders: 'no entry' defences and foreign bodies. *International Journal of Psycho-Analysis*, v.78, p. 927-941, 1997.
- WOLFENSTEIN, E. *The victims of democracy: malcom x and the black revolution*. California: UC Press, 1981.
- YOUNG, R. M. *Mental space*. London: Process Press, 1994.
- ZIZEK, S. *Tarrying with the negative*. Durham: Duke University Press, 1993.